

IVAN SERPA: FAZER ARTE PARA UMA MINORIA É ANTI-HUMANO

Reportagem de Edmur Fonseca
Fotos de Nivaldo Corrêa



A exposição, patrocinada pelo Museu de Arte de Belo Horizonte, aberta no salão de exposições do Grande Hotel é uma das mais importantes já trazidas a Minas em todos os tempos

"AQUELE QUE, MUITAS VÉZES, ESCOLHEU SEU DESTINO DE ARTISTA PORQUE SE SENTIA DIFERENTE, BEM DEPRESSA APRENDE QUE NÃO CONSEGUIRÁ ALIMENTAR SUA ARTE, E A SUA DIFERENÇA, SENÃO CONFESSANDO A SUA SEMELHANÇA COM TODOS".

Alb Camus

Belo Horizonte, 15 de junho de 1965, terça-feira. Vou encontrar Ivan Serpa no salão de exposições do Grande Hotel, onde vai inaugurar, a noite, sua mostra de pintura e desenhos, abrangendo vários estágios de sua obra. Conheço os trabalhos do artista de seu período concretista. Vejo-me, agora, jogado

diante de enormes cabeças a óleo, de grotescas figuras de mulheres desenhadas e esferográfica, de bichos e figuras trágicas de homens, descarnadas e terríveis. Ivan Serpa fala de forma suave, mas energética. É um homem objetivo:

— Muita gente acha que troco muito de idéia. A vida muda mesmo. A sua mudança é incessante. Coisas que aceito como certas hoje, poderão não o ser mais, para mim, amanhã. Isto irá se refletir na minha pintura, pois que toda a atividade emocional do artista tem de, necessariamente, que incidir sobre o resultado da sua obra. A não ser que ele se traia, que ele pinte com a preocupação especial de agradar, de atender aos desejos de um certo público que lhe traga sucesso e lhe facilite a venda de quadros. Um exemplo: se guardo em mim um sen-

tido de revolta e pinto o meu quadro de maneira mais amena, estou traçando a mim próprio e à minha arte. Meus trabalhos atuais podem ser chocantes para os que os vêem. Eu os faço sem nenhum preconceito, com a única preocupação de comunicar-me com o meu próximo.

HUMANIZAÇÃO DA ARTE

Ivan Serpa diz que não pode definir a sua pintura. Na sua fase atual, que os críticos chamaram de «negra», porque a sua dominante é a cor preta, procurou fixar-se na expressão humana, no interior da figura, procurando retratar a totalidade do indivíduo diante o que vive: suas angústias, sofrimentos, alegrias, as esperanças que não devem morrer.

— São figuras que contém todos os elementos do humano. Elas se apresentam diante do mundo como figuras trágicas, mas sem perder nenhuma daquelas condições que deveriam ter. Se nos encontramos face a um mundo absurdo, não é possível deixarmos de reproduzir isso. O mundo de hoje é um mundo contraditório uma época de impressionantes avanços tecnológicos e em que, ao mesmo tempo, se constroem engenhos diabólicos de destruição. Uma época em que se põe o homem a flutuar no espaço cósmico, enquanto milhões de pessoas morrem de fome, sem que ninguém se incomode.

Conquistas científicas e desprezo pelo semelhante. Numa

época dessas, pode o pintor retratar os olhos e problemas do mundo? Vai ele pintar por pintar? Só vejo, assim, dois caminhos para os artistas: ou contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, obrigando os outros homens a pensarem. Devemos proteger o homem, dar condições de vida às grandes massas. Fazê-lo apenas para com uma minoria é anti-humano e atrasa o desenvolvimento da humanidade.

— Quer dizer que o artista deve ser participante?

— Ele sempre foi participante. O que acontece é que, em cada época, há uma diferença de participação. Não se há de querer que um homem de 1-500 participasse da mesma maneira que um do século XX. Tanto houve sempre essa participação que eles contribuíram, e muito, para o progresso da humanidade. Em outros tempos, houve até artistas que fizeram apetrechos de guerra. E o que dizer, por outro lado, de pintores como Goya? Sua arte não foi de participação? Pode ser que tivesse outro nome, mas é um acontecimento tão importante,

neste particular, como o Picasso de Guernica e todas as manifestações humanitárias da arte, dos dias atuais.

O ARTISTA DE HOJE

Ivan Serpa exemplifica com o problema do concretismo. — A arte concreta nunca teria dado certo no Brasil. Ela foi fruto de um equívoco. Era natural que isso acontecesse. Faltavam-nos meios para entender as coisas e, sobretudo, para entender nosso próprio país. Pretendíamos fazer uma arte altamente técnica numa nação subdesenvolvida. A pintura concreta acabou no caminho da arte gráfica, que é sempre uma arte importante, mas sua contribuição tem sentido diferente da de um quadro na parede. A verdade é que, como se quis fazer pintura concreta entre nós, a arte não participa mais. Ela pretendeu transcrever soluções matemáticas, num inevitável macaqueamento de experiências dos suíços e dos alemães. E tudo sem que estivéssemos preparados para ela, já que não tínhamos nem uma técnica adequada nem uma indústria que atendesse às suas necessidades. Faltava-nos tudo. Até mes-

mo artesãos capazes de dar validade de execução ao que se fazia. O resultado é que sua duração foi pequena entre nós, um máximo de 5 ou 6 anos, e pronto. Não quero dizer que o concretismo não contenha valores. Só que o Brasil não o comporta, até o momento, em seu meio. Penso que ele pode até voltar, modificado, no futuro, quando os nossos artistas tenham melhor compreensão cultural, numa época socialmente mais madura, na qual existam outras condições econômicas, políticas e humanas. Outro exemplo de desfunção, para nós, é a «pop-art». Fazê-la agora, será apenas copiar os americanos, sair de um modismo formalista e cair no outro.

— O que preconiza, então, para os artistas de hoje?

— A meu ver, a melhor coisa é trabalhar honradamente e procurar, dentro de si mesmo, o caminho para a sua arte. Ainda que possa parecer difícil, todo artista autêntico acabará encontrando-o. A única coisa válida, nesse terreno, é deixar a indolência e trabalhar muito, em seu próprio benefício e benefício de todos. Não estou aqui para dar conselhos. O que não posso aceitar mais é que se vá buscar nossos modelos no estrangeiro. O Brasil é muito rico. Cada um deve dar o que pode e ninguém lhe poderá exigir mais do que pode dar verdadeiramente.

INTERPRETAÇÃO DA OBRA

Antes de chegar ao humanitarismo de hoje, Ivan Serpa passou por numerosos períodos, em que se revelam a sua inquietude fundamental, a grandeza e autenticidade de sua posição estética. O crítico e professor Clarival do Prado Valadares, na apresentação de catálogos de sua mostra, diz que «após estudar os numerosos trabalhos, datados desde os noventa e quatro até os seis até os mais recentes, incluindo exemplos de comportamento figurativo, escolar e imaginativo abstratos, formais e informais, os geométricos, os lineares, os decorativos, de novo os de figura e até atingir a fase atual, cabe-me estabelecer as seguintes afirmações:

- a) a obra de Ivan Serpa se caracteriza por um consciente desenho fundamental da composição, que ele aplica ao gênero que assume. Trabalhos da fase «concreta» mostram ordenação compositiva plástica correspondente aos da fase atual (figurativista-expressionista-fantasmagórica).
- b) o estilo individual do autor fundamenta-se na qualidade e na organização plástica, pois conseguintes mais na problemática que na temática.
- c) a temática de Ivan Serpa é resultante de um processo de curiosidade intelectual.

— Há quem chame de pesquiza, mas prefiro dizer qualidade intelectual, a este processo do artista buscar valores plásticos nos territórios mais diversos da expressividade mais humana (os desenhos e pinturas dos primários, da criança, da arte popular, etc.), procedimento idêntico ao de Paul Klee, cambiando esses valores espontâneos para uma construção plástica consciente e racional.

d) a razão que impõe maior gravidade à produção recente (fase expressionista-fantasmagórica) corresponde ao que ocorre na relação do autor com a humanidade, em termos de um conflito que o tempo trouxe e que determinou no artista uma necessidade «expressional».

Este foi o motivo, explica o crítico carioca, determinante de cessar suas construções racionais, lógicas, essencialmente lúdicas, e permitir aos instrumentos habilitados da pintura uma mudança para a pintura de emoção. Aqueles instrumentos habilitados, as mãos do artista, que fizeram um dia a construção euclidiana de valores geométricos dentro de um espaço intelectual, partiram de novo para a figura.

INTERPRETAÇÃO PESSOAL

Mas é o pintor quem vai contar ao repórter o seu roteiro de artista:

Primeiro, foi o naturalismo. Isso em 1946, quando residia no interior de Minas. Não sonhava sequer com a pintura. Fazia por que sentia vontade de fazer. Me apegava à natureza com uma paixão imensa, copiando-a minuciosamente, dentro da máxima de fidelidade. Já em 1947, fui estudar com Axel Leskoeski, que me levou a seguir determinadas normas e a me aperceber das coisas que eram mostradas por ele da pintura universal. Era um aprendizado mais crítico, mais consciente. Depois fiquei sozinho, e aí vieram as trocas de idéias com o Mário Pedrosa, a I Bienal de São Paulo e a descoberta dos construtivistas, os concretos, suíços, cuja influência sofri, deslumbrado, como qualquer jovem do meu tempo. Segui esse caminho. Achava bonito, sem ver que eles eram o produto de um país diferente, com uma cultura amadurecida e altamente mais desenvolvida.

Apesar do meu entusiasmo, por mais que me esforçasse por fazer uma arte independente, essa independência só se revelava em certos detalhes. Eu me achava prisioneiro de seus conceitos. Só vim a me aperceber disso mais tarde numa exposição de artistas

brasileiros, em Viena. Foi então, que pude verificá-lo com precisão, com mais lucidez e frieza. Encontrava-me longe do nosso ambiente em lugar estranho, julgando em um meio inteiramente diverso senti que não era mais possível fazer aquilo.

ARTE SORRISO DA SOCIEDADE

Ivan Serpa fala, com amargura, que o pintor no Brasil passou a fazer pintura em função das possibilidades de venda. Não mais uma pintura para si mesmo e sim uma arte feita em função de uma sociedade esnobe, que compra os quadros. A preocupação da maioria, até dos jovens, é de ser rico, ser bem sucedido. E o que explica a agonia da crítica de arte séria e o predomínio do colunismo social, que tem condições de determinar preços de milhões para quadros, de moços que nem ainda aprenderam a pintar.

Isso precisa acabar. Sabemos, historicamente, de nomes famosos que desapareceram por inteiro depois de sua morte. E há muita gente que passou a vida toda sem entrar sequer em um salão oficial e que acabou conhecido universalmente. Cezane é um bom exemplo.

PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO

O artista vê com otimismo sua arte atual. Acha que, embora seja a sua fase mais agressiva, a mais ousada, a em que conseguiu romper com as amarras que o prendiam, foi a que lhe trouxe equilíbrio de vida.

Se ela não agradou a alta sociedade, agradeu, e muito, à classe média que, infelizmente, está se extinguindo no Brasil. Talvez, por isso parece-me, quem melhor está sentindo os grandes problemas de nosso tempo. O encontro com uma pintura com a minha poderia ver uma das maneiras de recuperação da sua consciência. Este não foi meu propósito mas vendo mais hoje que antigamente. Os alicerces de um país estão muito na sua classe média. No meu modo de ver as coisas, o problema não é destruí-la acabar com que está feito, e sim melhorá-la.

Nossa conversa com Ivan Serpa foi longa. Muitas coisas não cabem, certamente, nos limites de uma reportagem. Entre outras muitas respostas importantes aos problemas do tempo, Serpa disse, mais, o seguinte:

- 1. Em arte o material não importa. O artista pode dignificar até o material que utiliza se ele pode transmitir o seu pensamento através de um material que ninguém deu importância, não vê mal nenhum em que isso seja feito.
- 2. Agora, tem usado tintas

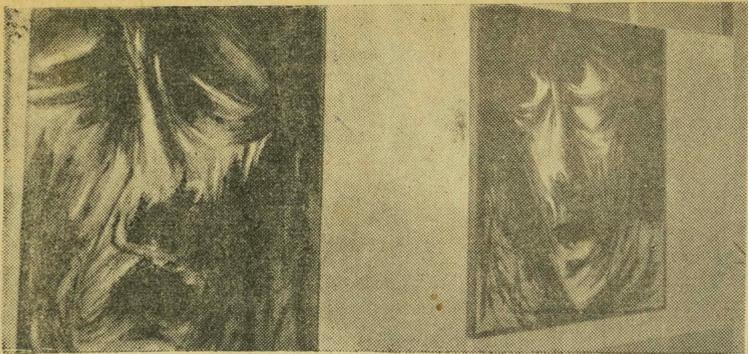
industriais. O uso do esmalte lhe dá prazer e certas linhas, que não podia obter com óleo de tubo, foram conseguidas por seu intermédio.

3. Há muitos pintores de que pode chegar a gostar, no Brasil. Acha que seria uma injustiça a uma legião de pintores, ainda no anonimato, dizer quais os melhores existentes no país. Gosta, no entanto, imensamente, de Volpi, de certas fases do desenho, de Marcelo Grassman, de Guignard, A Tarsila de «Pau Brasil» merece-lhe respeito. 4. No estrangeiro, suas preferências vão para os holandeses atuais, os belgas, os alemães e alguns espanhóis. Os franceses, a seu ver, estão em crise. Isso, talvez, por terem se negado a aceitar certos valores estrangeiros. Sua derrota em Veneza deve ter sua origem no fato de sentirem auto-suficientes. 5. Na área socialista não conseguiu alcançar resultados. É uma árvore que não chegou a dar frutos e pode ser que, no futuro, eles reformulem certos conceitos e encontrem o caminho que era da sua intenção.

QUEM É QUEM

Na introdução a uma entrevista concedida a Ferreira Gullar, em Revista Civilização Brasileira, Ano I, n.º 2, (maio de 1965), diz-se que Ivan Serpa foi um dos precursores da arte concreta no Brasil, por volta de 1951. Nesse mesmo ano, obteve prêmio para jovem pintor na I Bienal de São Paulo. Em torno de sua pintura desenvolveu-se ampla polémica naquela época. Criou, então, o Grupo Frente, que reunia artistas concretos, como Aloísio Carvão, João José, Liga Pape, Otília e alguns outros. Em 1958 obteve o Prêmio de Viagem do Salão Nacional de Arte Moderna e, quando voltou da Europa, rompu com a arte concreta, encaminhando-se para o informalismo. A partir de 1963, retornou à pintura figurativa. Na segunda quinzena de março deste ano, realizou uma grande exposição no Museu de Arte do Rio, expondo seus últimos trabalhos.

Com a presente exposição, em Belo Horizonte, Ivan Serpa, completa sua décima mostra individual, às quais se pode somar sua participação em 17 exposições coletivas, no Brasil e 14, no estrangeiro. Conseguiu praticamente todos os prêmios importantes do país, desde a Medalha de Bronze, no Salão Nacional de Belas Artes, em 1948, até os prêmios de viagem ao país e ao estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna. Foi premiado quatro vezes nas Bienais de São Paulo. É professor de pintura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



Ivan Serpa foi um dos introdutores do concretismo, no Brasil. Hoje, as suas cabeças de homem se apresentam diante do mundo como figuras trágicas. Procuram retratar a totalidade do indivíduo diante da vida

MACIFE

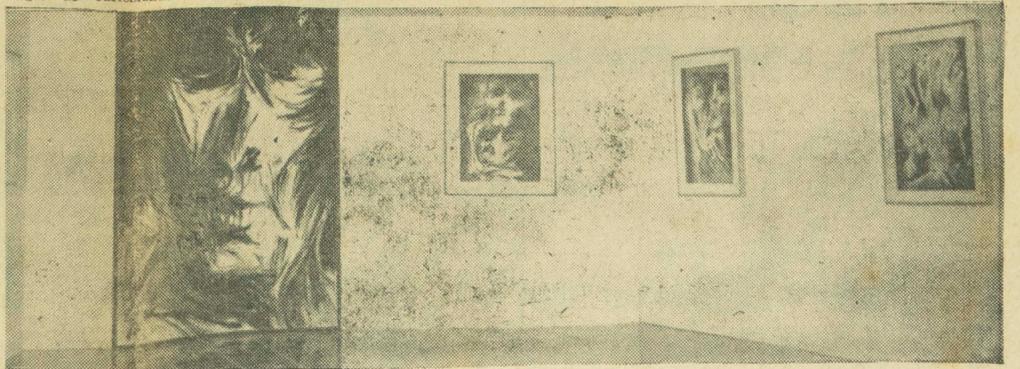
Distribuidora das Usinas Siderúrgicas do País - Ferros de todas as espécies e bitolas para construção e fins industriais - Chapas pretas, galvanizadas, corrugadas e folhas de flandres. Cimento Itaú e Cimento Branco Irajá.

MACIFE MINAS S/A - Materiais de Construção

Escritório e Depósito: Av. dos Andradas, 881

Telefones: 4-8027 — 2-4191 — 4-6922 — 2-4560

e 2-4829 — PABX — Caixa Postal 904 — B. Horizonte



9982 99 9999